



Equipe de ajuda de escola de Campinas

› dias melhores

Projeto forma estudantes contra bullying

Inspiração em modelo espanhol e finlandês, ação mobiliza alunos para atuar contra o problema em suas escolas

Desde 2015, 11 colégios de SP adotaram a ação; intervenção de colegas é mais eficaz que a de adultos, diz educadora

MARINA ESTARQUE
ENVIADA ESPECIAL A CAMPINAS

Alex Lopes, 14, conta que os colegas da sua escola salvaram seu cachorro Lucky — ou Laqui, na grafia do menino. “Sou muito grato, se não tivessem me ajudado, meu cachorro estaria morto”, diz. Os alunos, de uma escola pública de Paulínia (a 117 km de São Paulo), organizaram uma vaquinha para levar Lucky ao veterinário — a família de Alex não tinha condições de pagar pelo tratamento.

A ideia de arrecadar o dinheiro surgiu dentro de um projeto antibullying. Chamado de Equipes de Ajuda, foi implementado desde 2015 em 11 escolas públicas e privadas, em quatro cidades do Estado de São Paulo, além da capital. Coordenado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (Gepem), da Unicamp e Unesp, ele forma alunos para intervir e lidar com bullying em suas escolas.

Inspiração em um modelo espanhol e finlandês, as Equipes de Ajuda apostam no sistema de apoio entre pares, isto é, entre os próprios alunos. “Pesquisas mostram que a intervenção dos alunos é 75% mais eficaz do que a de um adulto em casos de bullying. Quando um aluno fala: ‘Para, a pessoa não está gostando’, o agressor tende a ouvir”, explica uma das pesquisadoras do Gepem, a doutora em educação Telma Vinha.

Em cada escola, a Equipe de Ajuda é formada por alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Os participantes, geralmente três por sala, são eleitos pelos próprios estudantes segundo critérios de confiabilidade.

“Os alunos votam em colegas para quem contariam um segredo. Com isso incentivamos o valor da confiança, do respeito, ao contrário da necessidade de ser popular ou ter poder”, diz a doutora em psicologia e pesquisadora do Gepem Luciene Tognetta, mentora do projeto no Brasil.

No caso de Alex, ele era parte da Equipe de Ajuda, mas sofria bullying. O menino trabalhava como catador de latinha depois da escola, e os colegas o chamavam de “lixeiro”.

“Quería juntar dinheiro para fazer faculdade, quero ser médico. E doava os lances para um projeto de cadeiras de rodas”, diz Alex, cujo pai é pedreiro e a mãe, dona de casa. Foi no trabalho na rua que o menino encontrou Lucky.

“Tinha pedido pra Deus um cachorrinho”, conta, encabulado, com medo que os amigos façam graça da história.

“Uma vez ele apareceu na porta do bar, e eu pensei: ‘foi Deus que mandou paramim’”, disse. O nome Lucky, assim como o cachorro, “apareceu” sem que o menino soubesse o significado ou a origem.

“Vi logo que ele ia se dar

bem comigo, é um bichinho que eu gosto muito.” Por isso, quando Lucky ficou doente, Alex teve mudanças bruscas de humor, o que chamou a atenção dos colegas na escola. O caso foi debatido na equipe, que se mobilizou para arrecadar o dinheiro.

“Em uma semana, os alunos juntaram o valor da consulta, de R\$ 90”, diz a orientadora do grupo, Luciana Lapa, do Gepem. Alex conta que

o cachorro tomou remédios, foi vacinado e “ficou bom”.

REUNIÃO

Na Escola Comunitária de Campinas, de ensino privado, os alunos também levam casos para debater nas reuniões do projeto. No último encontro, um dos alunos levantou o dedo, tímido, e disse que uma pessoa da escola estava excluída — um dos princípios da Equipe de Ajuda é a confidencialidade, por isso os alunos evitam identificar os colegas, a não ser em casos graves.

“Essa pessoa fica isolada por ter mau hálito. Não tem como dizer para ela o motivo. Acho que precisa chamar os pais para uma reunião, eles podem nem saber do problema”, disse Miguel Santis, 11.

Em todos os projetos, a equipe passa por uma formação e segue sob orientação em reuniões periódicas, conduzidas por um profissional da escola e um do Gepem. Para os encontros, há uma apostila com exercícios práticos.

“Trabalhamos como se posicionarmos de forma assertiva, ter sensibilidade, observar sinais, usar estratégias de escu-

ta ativa e comunicação construtiva”, explica o pesquisador do Gepem, Raul Alves.

“Eles aprendem sobre empatia, a mostrar compreensão e não julgamento, e a se aproximar de alguém sem ser invasivo”, diz Vinha.

Da mesma forma, professores e coordenadores da escola participam de uma formação de cerca de 100 horas. O projeto é pago pelas escolas, quando são privadas, ou por prefeituras parceiras.

O objetivo é que a Equipe de Ajuda sirva como multiplicadora e contribua para mudar a cultura da escola. Por isso, as atividades focam nas vítimas e também nos agressores e espectadores. “A plateia, que observa, é como o oxigênio do bullying”, diz Alves.

FORMAÇÃO ÉTICA

Segundo uma pesquisa do Gepem com cerca de 200 alunos de uma escola municipal de Campinas, 9 entre 20 tipos de agressões tiveram redução significativa após seis meses de projeto.

“A convivência na escola precisa ser planejada, assim como o projeto político-peda-

gógico. Se não mudar os valores, o aluno vai ser o adulto que bate na mulher ou o chefe opressor”, diz Vinha.

Além da intervenção, a Equipe de Ajuda também tem um papel na identificação de casos. “O bullying muitas vezes acontece longe do professor. Só descobrimos quando já está muito sério”, explica a orientadora educacional do Bandeirantes, Marina Schwarz — o colégio foi o primeiro a adotar o projeto em SP.

Na escola, houve uma presença inicial dos alunos. “Muitos ficaram enciumados porque não foram eleitos, mas depois a equipe conseguiu ser valorizada”, diz Schwarz.

“No primeiro ano, o projeto não era muito reconhecido. Os alunos falavam: ‘Já que você é da Equipe de Ajuda, pega a minha caneta que caiu no chão’. Agora o pessoal respeita”, conta Victor Gomes, 13, da equipe no colégio.

A experiência reforça a tese dos pesquisadores do Gepem de que o projeto é parte de um processo lento de transformação da escola e dos alunos, que levam os conhecimentos para a vida.

Esse é o caso de Alex, que, poucos meses após a vaquinha para seu cachorro, se mudou para o interior do Paraná, onde foi morar com a avó.

Deixou para trás amigos, escola e família, mas não o Lucky. A adaptação na nova escola, no entanto, não tem sido fácil. “Não tenho muito amigo. Aqui tem muito xingamento, apelido, essas coisas que eu sei que a Equipe de Ajuda pode combater”, diz.

Por isso, Alex fez uma proposta aos colegas da escola anterior. “Tive uma ideia: queria trazer a Equipe de Ajuda para cá. Mas não sei como fazer, aqui ninguém sabe o que é isso”, disse, em uma mensagem do grupo. “É uma escola inteira, sozinho eu não consigo. Preciso da ajuda de vocês.”

“Pesquisas mostram que a intervenção dos alunos é 75% mais eficaz do que a de um adulto em casos de bullying. Quando um aluno fala: ‘Para, a pessoa não está gostando’, o agressor tende a ouvir”

TELMA VINHA
doutora em educação e pesquisadora do projeto Equipes de Ajuda



O aluno Miguel Santis, 11, participa de reunião do projeto